

HOMILIA DO R.P. PETER-HANS KOLVENBACH

NAS EXEQUIAS DO P. PEDRO ARRUPE

"O 'MAGNIFICAT' DO P. ARRUPE"

Eminências,
Excelências,
Senhores Embaixadores,
Reverendos Padres e Irmãos,
Irmãos e Irmãs,

Sou profundamente grato a todos os presentes pela sua participação e pela sua oração.

Sinto também o dever, neste momento, de exprimir minha profunda gratidão ao Santo Padre pela solicitude pessoal e grande afeto com que jamais cessou de acompanhar o P. Arrupe na sua longa prova, querendo estar presente conosco também hoje na pessoa de seu representante, Sua Eminência o Sr. Cardeal Eduardo Martínez Somalo.

Seja-me permitido ainda dizer uma palavra especial de reconhecimento aos médicos e enfermeiros que durante dez anos deram o melhor de sua competência e dedicação para ajudar o P. Arrupe gravemente enfermo.

Desejo enfim agradecer o Mestre Geral da Ordem de São Domingos por este serviço que, segundo uma antiga tradição, quis prestar a um nosso Geral defunto.

Estamos reunidos nesta manhã para rezar pelo P. Arrupe, para rezar com ele e para agradecer ao Senhor a sua vida, quanto possível com as próprias palavras do P. Arrupe.

Por ocasião do seu jubileu religioso, num olhar retrospectivo sobre os 70 anos já vividos, o P. Arrupe disse que desejava que a sua vida tivesse sido ou, ao menos, se tornasse, daquele momento em diante, um contínuo "Magnificat". Na verdade, a sua vida já o era e, na misericórdia divina, sê-lo-á para sempre.

Não obstante o seu desejo de agir sempre em plena luz, de jamais subtrair-se às interpelações de quem quer que fosse, às interrogações de seus irmãos ou às perguntas dos jornalistas, o P. Arrupe devia confessar que nele existia uma zona oculta ou semi-oculta, mesmo para ele: "a estreitíssima relação entre Deus, que é amor e ama a cada um de um modo diferente, e o homem que, do mais profundo do seu ser, dá uma resposta que é única, porque nunca haverá outra igual". Ele chamava esta zona escondida "o segredo do maravilhoso amor trinitário, que irrompe quando quer na vida de cada

.../...

um" e que desembocava no triplice amor que caracterizou todo o agir e todas as palavras do P. Arrupe: o amor à Companhia - corpo para o Espírito -, o amor à Igreja do Senhor, o amor a Cristo, amor de Deus Pai.

O amor à Companhia era verdadeiramente vivido como uma irrupção do Espírito. O imprevisto das etapas decisivas, as viravoltas radicais do seu caminho, eram, como dizia o próprio P. Arrupe, decisivas mudanças de rumo, que o Espírito de Deus imprimia à sua vida: "A vocação à Companhia de Jesus depois de ter iniciado o estudo de medicina, que tanto me entusiasmava, e justamente no meio do curso universitário; a minha vocação para o Japão, uma missão pela qual, antes do chamado de Deus, não tinha nenhuma atração e que os Superiores me negaram por dez anos... A minha presença na cidade sobre a qual caiu a primeira bomba atômica; a minha eleição para Geral da Companhia". Nós devemos acrescentar, a repentina doença que paralisou para sempre a sua irradiante atividade. O P. Arrupe continua: "Foram acontecimentos tão bruscos e inesperados, e, ao mesmo tempo, traziam claramente o 'sinal' de Deus... Tudo isto me faz desejar que a minha vida tenha sido, ou, pelo menos, seja de agora em diante um contínuo 'Magnificat'".

Ele próprio sempre tão sensível ao Espírito, eleito Superior Geral da Companhia de Jesus, mais ou menos ao final do Concílio Vaticano II, não tinha outro desejo senão o de servir este dom pentecostal e exprimir o seu amor pela Companhia transfigurando-a em um corpo para o Espírito, disponível para cumprir com as tarefas apostólicas do Concílio. O P. Arrupe se consagrou plenamente ao esforço de conciliar as exigências imutáveis do carisma da Companhia com as exigências da situação atual da vida na Igreja e no mundo.

Uma testemunha deste esforço do P. Arrupe escreveu: "Trabalho difícil, delicado; por isso, não é de admirar que em tantas coisas houvesse diversidade de opiniões, que tantas diretrizes pudessem ser sujeitas a críticas, especialmente quando, por causa de falsas interpretações ou aplicações exageradas, levassem a abusos, que o próprio Padre Geral mais de uma vez deplorou. Todavia, ninguém jamais criticou, nem pode criticar o esforço generoso que animava o seu trabalho de adaptar a vida e o apostolado da Companhia ou de tantas outras famílias religiosas, por intermédio da União dos Superiores Gerais, às exigências do Espírito, manifestadas no Concílio, para a Igreja no mundo de hoje.

Homem ao serviço do Concílio, o P. Arrupe realizou aquilo que dizia o Sínodo extraordinário de 1985: haurido no mais profundo das fontes da tradição, nada disto era realmente novo e, todavia, na escuta do Espírito, tudo é recriado como novo. Sem que a Companhia tenha mudado, graças ao dom do Espírito que é o P. Arrupe, tudo é diferente.

.../...

Este longo trabalho de dezoito anos de Generalado seria absolutamente absurdo sem uma profunda fé no Espírito do Senhor. Por isso, o P. Arrupe se sentia tão próximo de Abraão, o pai dos que crêem. "Para mim, a figura de Abraão foi sempre uma fonte inexaurível de inspiração. 'Para onde vai a Companhia?' me perguntavam. A minha resposta foi sempre: 'Para onde Deus a conduz'. Em outras palavras, queria dizer: Não sei. Porém, uma coisa sei, e esta é que Deus nos leva para alguma parte. Caminhamos seguros, vamos com a Igreja, que é guiada pelo Espírito Santo. Sei que Deus nos conduz para uma terra nova, a terra prometida, a sua terra. Ele sabe onde ela se acha. Quanto a nós, resta-nos somente segui-lo."

É sempre a figura de Abraão a inspirar a infatigável hospitalidade do P. Arrupe, o seu irredutível otimismo na fé. O seu amor à Companhia era tão profundo, que o mostrava visivelmente num amor cheio de calor humano, respeito e confiança por cada um dos jesuítas. Cada encontro era incansavelmente personalizado. E nunca saía dos seus lábios uma palavra que não fosse de encorajamento e de esperança. Com a fé desarmada de Abraão ele se apresentava de mãos vazias, contando unicamente com as forças do Espírito, às quais desejava oferecer a Companhia, com amor, como um instrumento sempre disponível, sempre pronto a servir e a edificar a sua Igreja.

É assim que o amor pela Companhia desembocava no amor do P. Arrupe pela Igreja do Senhor, o seu segundo amor. Na sua última mensagem à Companhia, ele pôde confessar: "Durante estes dezoito anos não desejei nada mais do que servir o Senhor e a Igreja com todo o coração. Do primeiro ao último instante."

Contando com o renovamento espiritual da Companhia no retorno às fontes da espiritualidade inaciana, contando com a integração cotidiana da contemplação do Senhor com a atividade apostólica, o P. Arrupe identificava-se com as grandes tarefas suscitadas pelo Concílio Vaticano II, convertidas frequentemente em outras tantas missões confiadas à Companhia pelo Vigário de Cristo: o desafio da incredulidade moderna, o ecumenismo e o diálogo, o serviço do anúncio da fé com o amor preferencial pelos pobres e a promoção da justiça, o apostolado teológico ao serviço do magistério ordinário da Igreja mediante os meios modernos de comunicação e divulgação, a inculturação e a ajuda às jovens Igrejas, e, até mesmo na sua última mensagem, o convite a enfrentar o drama dos refugiados.

Toda esta atividade não teria sentido senão em nome da Igreja, na Igreja e com a Igreja. Faltar à fidelidade ao Santo Padre, Vigário de Cristo, "seria como subscrever a própria sentença de morte", porque significaria "apartar-se desta circulação do Espírito, típica e exclusiva da comunhão - koinônia - com a Igreja hierárquica", com a Esposa de Cristo e o seu Vigário.

.../...

O Cristo, Filho do Pai, manifestação do amor de Deus, é o terceiro amor que caracteriza a vida do P. Arrupe segundo suas próprias palavras. Todos os jesuítas conheciam a devoção do P. Arrupe pela visão de "La Storta". O P. Arrupe desejava ardentemente para si próprio e para todos os seus irmãos que o Pai o colocasse com o seu Filho, para ter parte com ele, a fim de que os homens tenham a vida em abundância: o Mistério Pascal.

E junto do Cristo, presente na Eucaristia, o P. Arrupe amava permanecer. Não se podem ler sem comoção aquelas suas notas íntimas, que ficaram por muito tempo inéditas, nas quais descreve a sua "mini-catedral": não mais de seis metros por quatro..., fonte de incalculável força e dinamismo para toda a Companhia, lugar de inspiração, de consolação, de fortaleza, lugar onde 'estar'...; lugar do ócio mais operoso, onde não fazendo nada, se faz tudo... Chamam-na - escreve sempre o P. Arrupe - capela privada do Geral. É catedral e santuário, Tabor e Getsêmani, Belém e Gólgota, Manresa e La Storta. Sempre igual, sempre diferente! Se aquelas paredes falassem!... sobre uma vida que se consome no amor, crucificada com Jesus, oferecida a Deus como a vítima que cotidianamente se oferece sobre a pedra sacra do altar".

No seu último grande discurso, o P. Arrupe revela que este amor a Cristo se traduzia na sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus: "Não poderei calar a minha profunda convicção de que todos, enquanto Companhia de Jesus, devemos refletir e discernir diante de Cristo crucificado sobre aquilo que esta devoção tem significado e deve significar, especialmente hoje, para a Companhia. Nas atuais circunstâncias, o mundo nos propõe desafios e possibilidades que somente com a força deste amor do Coração de Cristo podem encontrar plena solução. Esta é a mensagem que eu vos queria comunicar. Não se trata de forçar as coisas, nem de dar ordens em uma matéria no centro da qual está o amor... A Companhia tem necessidade da dynamis presente neste símbolo e na realidade que ele nos anuncia: o amor do Coração de Cristo".

O amor à Companhia, corpo para o Espírito; o amor à Igreja, Esposa do Senhor; o amor a Cristo, coração de Deus: este tríplice amor, reflexo do amor trinitário, é o segredo da vida do P. Arrupe, cujas obras e gestos foram e serão para sempre um 'Magnificat'.

Em ação de graças oremos pelo P. Arrupe e oremos com ele a oração de Santo Inácio no seu diário espiritual, dita do fundo da nossa fraqueza - "do mais íntimo do coração eu grito a Ti, Senhor":

"Pai Eterno, confirma-me;
Filho Eterno, confirma-me;
Espírito Santo Eterno, confirma-me;
Trindade Santa, confirma-me;
Deus único, meu, confirma-me."